

**NA PRODUÇÃO DA EXISTÊNCIA À
NECESSÁRIA COMPOSIÇÃO ENTRE
CURRÍCULOS E TECNOLOGIAS**

**IN THE PRODUCTION OF EXISTENCE
TO THE NECESSARY COMPOSITION
BETWEEN CURRICULUMS AND
TECHNOLOGIES**

**EN LA PRODUCCIÓN DE EXISTENCIA
A LA COMPOSICIÓN NECESARIA
ENTRE CURRÍCULOS Y
TECNOLOGÍAS**



Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.22478/ufpb.1983-
1579.2022v15n3.64373

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

Janete Magalhães Carvalho

Doutora em Educação.

Professora da Universidade Federal do
Espírito Santo, Brasil.

E-mail: janetemc@terra.com.br

Orcid: [https://orcid.org/0000-0001-9906-
2911](https://orcid.org/0000-0001-9906-2911)

Ana Cláudia Santiago Zouain

Mestre em Educação.

Doutoranda pela Universidade Federal do
Espírito Santo, Brasil.

E-mail: aninhazouain@gmail.com

Orcid: [https://orcid.org/0000-0003-0388-
7551](https://orcid.org/0000-0003-0388-7551)

Jannaina Calixto de Lima

Mestre em Educação.

Doutoranda pela Universidade Federal do
Espírito Santo, Brasil.

E-mail: jannainacl@gmail.com

Orcid: [https://orcid.org/0000-0002-8419-
4863](https://orcid.org/0000-0002-8419-4863)

Resumo: O presente artigo problematiza as relações de forças heterogêneas que atravessam o cotidiano escolar, considerando-o como um campo macro e micropolítico. Aposta na produção de uma existência múltipla tecida entre formas, forças e fluxos que modelam e/ou criam os *espaços-tempos* escolares. Para tanto, busca estabelecer, de modo remoto, no período pandêmico, no ano de 2021, encontros formativos com professores de escolas públicas do município de Serra, Espírito Santo, na tentativa de potencializar currículos e aprendizagens menos compartimentalizados no encontro com os signos artísticos. Assim, em redes de conversações com professores, questiona a educação dogmática baseada na reprodução do pensamento em prol da prática de uma educação inventiva que se desloca a pensar outros possíveis com a arte e com a tecnologia. Discute a relação tecnologia e sociedade, bem como as investidas constantes do capitalismo de se apropriar dos corpos na produção de subjetividades homogêneas. Por fim, afirma uma educação que não se aprisiona diante da sujeição maquínica dos corpos, mas que se tece enquanto resistência e criação.

Palavras-chave: Currículos. Tecnologia. Criação.

Recebido em: 29/09/2022

Aceito em: 08/11/2022

Publicação em: 15/12/2022

Como citar este artigo:

CARVALHO, J. M.; ZOUAIN, A. C. S.; LIMA, J. C. NA PRODUÇÃO DA EXISTÊNCIA À NECESSÁRIA COMPOSIÇÃO ENTRE CURRÍCULOS E TECNOLOGIAS. **Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. 3, p. 1-13, 2022. ISSN2177-2886. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-1579.2022v15n3.64373>.

Abstract: The present article problematizes the heterogeneous relations of forces that cross the school routine, considering it as a macro and micropolitical field. It bets on the production of a multiple existence woven between forms, forces, and flows that shape and/or create school spaces-times. To this end, it sought to establish, remotely, in the pandemic period, in the year 2021, formative meetings with teachers from public schools in the municipality of Serra, Espírito Santo, to enhance less compartmentalized curriculum and learning in the encounter with artistic signs. Thus, in networks of conversations with teachers, dogmatic education based on the reproduction of thought is questioned in favor of the practice of an inventive education that moves to think about possible others with art and technology. It discusses the relationship between technology and society, as well as the constant attacks of capitalism to appropriate bodies in the production of homogeneous subjectivities. Finally, it affirms an education that is not imprisoned in the face of the machine subjection of bodies, but that is weaved as resistance and creation.

Keywords: Curriculums. Technology. Creation.

Resumem: El presente artículo problematiza las heterogéneas relaciones de fuerzas que atraviesan la rutina escolar, considerándola como un campo macro y micropolítico. Apuesta a la producción de una existencia múltiple tejida entre formas, fuerzas y flujos que configuran y/o crean espacios-tiempos escolares. Para ello, buscó establecer, a distancia, en el período de la pandemia, en el año 2021, encuentros formativos con docentes de escuelas públicas del municipio de Serra, Espírito Santo, en un intento de potenciar currículos menos compartimentados y aprendizajes en el encuentro con signos artísticos. Así, en redes de conversaciones con docentes, se cuestiona la educación dogmática basada en la reproducción del pensamiento a favor de la práctica de una educación inventiva que mueva a pensar otros posibles con el arte y la tecnología. Discute la relación entre tecnología y sociedad, así como los constantes ataques del capitalismo a los cuerpos apropiados en la producción de subjetividades homogéneas. Finalmente, afirma una educación que no se aprisiona frente al sometimiento maquinista de los cuerpos, sino que se teje como resistencia y creación.

Palavras-clave: Currículos. Tecnologia. Creación.

1 INTRODUIZINDO: currículos no plural?

Considerando o cotidiano escolar como plano de imanência no qual as relações de poder, macro e micropoliticamente, atuam nos corpos coletivos, este artigo problematiza as relações de forças heterogêneas que entrecruzam a escola, a partir das quais os corpos que nela habitam e/ou atravessam são qualificados, passando pelas formas, forças e fluxos que os modelam e/ou os criam. Dentre essas forças, destacamos a tecnologia e os signos artísticos como potencializadores de currículos e de aprendizagens cognitivas, afetivas e políticas.

Desse modo, buscamos entrar nas redes de afetos compartilhadas com professores da Educação Básica, do município de Serra, Espírito Santo, na tentativa de elucidar movimentos do pensamento na afirmação de outras possibilidades de existência na escola, na qual, compreendemos que coexistem diferentes planos: de um lado, o plano de organização, da forma, molar; de outro, o plano de composição cotidiano, inventivo. Os planos são distintos, porém, indissociáveis, compondo multiplicidades de vida e de modos de existência nos *espaços-tempos* escolares.

Na tentativa de potencializar currículos outros, na afirmação de aprendizagens por meio do uso de signos artísticos, como imagens fílmicas, fotográficas, pictóricas, literárias, realizamos processos formativos com diferentes grupos de professores das escolas públicas de Serra, a fim de fomentar problematizações e levantar alternativas possíveis para a realização de currículos menos compartimentalizados.

As formações docentes se deram no ano de 2021, em formato virtual, via reuniões síncronas na plataforma *Google Meet*, pois o mundo passava (ainda está passando) pela pandemia do *Covid-19*. Naquele período, estávamos com as redes de ensino municipais e estaduais retornando às atividades presenciais, após estarem fechadas em virtude do *lockdown* que o Brasil e o mundo passaram. No entanto, a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) ainda adotava o modelo remoto, o que nos levou

a realizarmos os encontros virtualmente.

No tocante ao critério de seleção dos professores para participarem dos momentos formativos foi realizado mediante a adesão e/ou interesse em compartilhar experiências envolvendo signos artísticos, por meio de grupos de conversações com o grupo de pesquisa¹. Todos os encontros foram registrados, permitindo fixar as “conversas”, durante as quais foram elencadas memórias de práticas, problematizações e posições alternativas.

Partimos da relação entre arte e experimentação, a qual permite que os corpos docentes saiam de suas zonas de conforto e intensifiquem os fluxos, de modo que a relação entre ser afetado e afetar (sentir e agir) gere linhas de fuga e/ou zonas de ruído. As conversações provocadas com os signos artísticos do cinema, da literatura, do desenho, da pintura, da fotografia etc., buscaram criar afectos experimentados pela dinâmica de forças coletivas colocadas em jogo tanto nos docentes, como em nós pesquisadores.

Objetivamos, assim, engendrar e estabelecer redes de conversações (CARVALHO, 2009) com os professores das escolas municipais de Serra/ES, buscando, pelos signos artísticos, potencializar a aprendizagem. Para isso, problematizamos os possíveis de uma docência inventiva, menos baseada em processos de reconhecimento, produzida por meio de modos coletivos de conversação e experimentações de professores.

Desse modo, em meio às diferentes forças que atuam nos corpos, especificamente, nos cotidianos escolares, questionamos: podem as relações de forças padronizadas, verticais e hierárquicas, inibirem a atividade criadora e o campo dos possíveis para os currículos experimentados nos cotidianos escolares? Os signos artísticos têm força para impulsionar outras imagens de escola pela potência da fabulação? Não pretendemos afirmar somente uma coisa, nem outra. Nem tudo é invenção, mas também, nem tudo é reprodução. A vida se passa no meio, nas entrelinhas do plano, somos constituídos pelos processos cognitivos e pelos processos criativos.

O que desejamos, então? Apostar na vida em suas múltiplas formas de expressão. Na prática de uma educação inventiva que se desloca a pensar com a arte e com a tecnologia, onde os cotidianos podem ser marcados pelo modelo dogmático do pensamento, mas também, desviados em linhas outras de invenção. Nestas linhas, enredamos nossa aposta.

Posto isso, apostando nas linhas de vida que se tecem nas escolas, tomamos currículo no plural. Inspirados no movimento pós-fundamentalista que toma como referência todas as perspectivas teórico-práticas contrárias à defesa de princípios universais, ao essencialismo e a uma abordagem não-contingente. Currículos, pois que a vida é tecida numa teia de múltiplas linhas que não pode ser reduzida às proposições das diretrizes curriculares nacionais e/ou das Secretarias de Educação e/ou das grades curriculares estabelecidas para/pelas escolas. Os currículos não podem ser, assim, limitados, pois vão além de um plano de organização. No plano de composição, os currículos são atravessados por forças em relação, tais como: escola, família, comunidade escolar, órgãos gestores, sistema político-econômico-social, mídia etc.

Ainda que a tensão das prescrições e das predeterminações fundamentalistas se faça presente, interessa destacar que currículos se constituem em redes de ações complexas estabelecidas em um plano de imanência não aprioristicamente determinado. Não o currículo, mas currículos! Nessa perspectiva, não há um sentido de currículo que lhe seja intrínseco (um sentido nele mesmo), apesar dos currículos prescritivos, pois seu sentido é sempre derivado das contingências de dizeres e fazeres que dão consistência ao vivido escolar por forças diferenciais em relação.

São currículos vivenciados e impulsionados por forças e desejos coletivos, currículos enredados pelos encontros, pelas experimentações coletivas, pelos acontecimentos. Afirmer a força dos encontros significa entender “[...] currículos para além dos processos de aprender-ensinar da condição de algo solitário, individual, pessoal e da ordem da interioridade de uma consciência” (CARVALHO; SILVA; DELBONI, 2018, p. 814), para apostar em aprendizagens e docências que se constituem nas redes de

¹ Grupo de pesquisa, CNPq: “Com-versações com a filosofia da diferença em currículos e formação de professores”.

afectos e de conversações, por composição, singularização e processos de diferenciação.

Portanto, entre movimentos de formação docente, realizados por intermédio de computadores e das redes tecnológicas, currículos foram sendo desdobrados pela potência fabuladora dos encontros com os signos artísticos, nos impulsionando a pensar: pode a tecnologia potencializar a problematização e criação cultural e curricular?

Nesse sentido, buscamos, inicialmente, discutir a relação da tecnologia com a sociedade, na qual não se dá de maneira dicotômica, visto que não existe tecnologia separada da vida social e vice-versa, pois o homem está enredado por tudo aquilo que o compõe, sendo a ciência, uma das forças que o atravessa e que possibilita outros modos de existência. Problematizamos, ainda, as tentativas constantes do capitalismo de se apropriar dos corpos e produzir subjetividades homogêneas, na superação das diferenças em prol da circulação do capital e das mercadorias. Desse modo, questionamos os possíveis para a educação e para os currículos diante dos aprisionamentos desse sistema capitalístico tecnológico do mundo globalizado. Por fim, não para finalizar o debate, que se perdura para além desse texto, afirmamos o uso da tecnologia não como uma restrição das formas de vida, mas como resistência e criação.

2 TECNOLOGIA EM CONEXÃO HOMEM – MÁQUINA/TECNOLOGIA – SOCIEDADE

Agora, nesse tempo, a gente usa muito o *WhatsApp* e é um tempo que a gente não consegue controlar, porque você vai se deitar e lembra de algo, aí você já vai escrever e manda mensagem para a colega de noite: “vamos pensar nisso? Vamos fazer isso?” Então a gente continua nesse planejamento, nesse movimento, mas de uma forma diferente. Eu penso que com esse trabalho online que estamos desenvolvendo, aumentou o trabalho colaborativo, o trabalho entre os pares. [...] Têm as reuniões que a gente faz no *Meet*, mas principalmente via *WhatsApp* que a gente troca muito e o pequeno tempo que a gente tem, a gente dá preciosidade a ele.

Para Agamben (2004), estamos diante do “paradigma biopolítico do moderno”, entretanto trata-se de uma biopolítica (FOUCAULT, 2010) que não se ocupa somente do controle, da normalização, do ajustamento e da gestão da natalidade, sexualidade, saúde, higiene, alimentação, mas também, segundo Buzato (2019, p. 1), “[...] dos potenciais biológicos, afetivos e comportamentais humanos registrados em textos que não conseguimos ler a olho nu, tais como sequências genômicas extraídas por amadores que se pretendem coautores de sua própria biologia”, ou na aplicação de árvores probabilísticas que permitem às máquinas aprender a fazer, tão bem como nós, coisas que nós mesmos não conseguimos descrever com palavras, por isso não nos podem ser ensinadas de volta pela máquina, pelos sistemas neurofisiológicos humanos por algoritmos que nos operam como parte de sistemas cibernéticos que nós julgamos estar operando (BUZATO, 2019, p. 1).

Dona Haraway (2009, p. 2) por sua vez, afirma que o conceito de biopolítica de Michel Foucault “[...] não passa de débil premonição da política *ciborque* – uma política que nos permite vislumbrar um campo muito mais aberto”. Para Haraway (2009, p. 2) “[...] somos todos híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues”. Aponta, nesse sentido, três quebras de fronteiras: a fronteira entre o humano e o animal e/ou o privilégio da singularidade humana, pois a linguagem, o uso de instrumentos, o comportamento social, os eventos mentais não estabelecem de forma convincente a separação entre o humano e o animal; a fronteira entre o animal-humano e a máquina, visto que as máquinas da contemporaneidade tornaram muito ambígua a distinção entre o natural e o artificial; e, assim, a fronteira entre o físico e o não-físico torna-se a cada dia mais imprecisa.

A conceito de híbrido usado por Bruno Latour (1994, p. 102) aparece com um significado bem específico de desmontar a ilusão moderna de que é possível isolar o domínio da natureza, das coisas inatas, do domínio da política, da ação humana.

Como é possível que alguém não veja uma diferença radical entre a natureza universal e a cultura relativa? Mas a própria noção de cultura é um artefato criado

por nosso afastamento da natureza. Ora, não existem nem culturas nem uma cultura universal. Existem, apenas natureza-culturas, as quais constituem a única base possível para aproximações (LATOURE, 1994, p. 102).

Para Latour (2000), não existem ciência, tecnologia, natureza e sociedade de forma separada uma da outra, e sim uma aliança em redes sociotécnicas nas quais os agentes interagem e se articulam para produzir o conhecimento dentro de um determinado contexto.

Na atualidade, vivemos o esgotamento de todos os fundamentos pelos quais justificamos a arrogância que nos tornou reféns de nossas pretensas certezas, cientificamente comprovadas, assim como pela posição do homem decretada como centro do mundo – antropoceno. Essa perspectiva dominante na modernidade nega constantemente a natureza [da qual é somente parte e não senhor] num total descompromisso ético em que não somos capazes de estabelecer e talvez já não adiante intentar (LATOURE, 2000).

Interessa-nos, assim, interrogar os sinais, cada dia mais visíveis, de esgotamento de todas as dicotomias sobre as quais fundamentamos e justificamos a arrogância que nos tornou reféns de nossa insensatez. “[...] sabemos que as novas máquinas cibernéticas [...] adquiriram uma forma de autonomia que as torna capazes de modificar seu comportamento em função das informações recebidas. Elas registram e transmitem informações, se comunicam, enfim, se humanizam” (LAPOUJADE, 2022, p. 133).

Tudo isso envolve o conceito de “pós-humano”, “[...] sem que saibamos, assim como no caso dos outros “pós-” (moderno, social, colonial etc.), o que está por vir exatamente, se o que há agora já é, de fato, o PÓS do que aí estava e ainda não havíamos admitido” (BUZATO, 2019, p. 1).

Sem dúvida, estamos em uma sociedade de serviços, o que implica um domínio crescente de máquinas, principalmente, aquelas das quais nos cercamos deliberadamente, tornando-se o serviço uma nova forma de sujeição assegurada por máquinas: caixas, comerciantes etc. – inclusive professores, visto que, ao capitalismo de superprodução o que quer vender são serviços e o que quer comprar são ações (LAPOUJADE, 2022).

Isso posto, podemos supor que existem multiplicidades de planos que se entrecruzam, de maneira que se dispõem, nesses mundos possíveis, criados e fabulados, de movimentos imanentes que se permitem dobrar e redobrar juntos. Como na fala da professora que se percebe controlada por um plano de organização que urge e faz com que, em meio à sua noite de descanso, envie mensagens no aplicativo de conversa para sanar alguma questão que ficou pendente ou até mesmo para não “perder mais tempo”, mas que, ao mesmo tempo, se vê em um plano de composição com as redes de amorosidade que ali foram criadas, enredando novas possibilidades de atuação. Conversas que provocam fluxos de vida, percebida no movimento conversacional na formação remota realizada,

[...] desculpa gente, pois, já é a minha terceira etapa do dia e estou pura olheira, mas tendo muita alegria em estar aqui com vocês! Que prazer esse encontro nas janelinhas tecnológicas de nossas casas... Eu estou só o refil, o que me salva é meu avatar que minha amiga me ensinou a fazer no aplicativo do celular. Adoroooo! [...] Que cabelo chique é esse? Esse encontro já começou trazendo potência de vida.

Na esteira deste percurso, no contexto do capitalismo mundial integrado cabe indagar: em meio à produção massiva em nível mundial de certos modos de agir, vestir e amar veiculados pelos mass-media e consumidos por multidões, é possível pensar em produzir subjetividades singulares e singularizantes, que escapem às modelizações dominantes?

Acreditamos que sim e a este propósito afirmamos com Guattari e Rolnik (1986) que se a subjetivação contemporânea se encontra inexoravelmente ancorada em dispositivos capitalistas, isso não significa o seu aprisionamento absoluto. É sempre possível resistir ao presente, escapar das modelizações dominantes, apropriar-se diferentemente do que nos é oferecido cotidianamente pela televisão, pelo cinema, pelo patrão, pelo cônjuge, pela escola ou pelo outdoor, pois esse desenvolvimento da subjetividade capitalística traz imensas possibilidades de desvio e singularização. Em suma, é sempre

possível atrever-se a singularizar (GUATTARI; ROLNIK, 1986).

Resistimos quando nos permitimos pensar com o outro para além dos limites habituais da nossa prática. Quando saímos da frente das telas fechadas em determinados modos de subjetivação e abrimos outras possibilidades de existência, como percebemos na fala da professora a seguir:

Como estamos nos descobrindo, abrindo nossas caixas que estavam fechadas e estamos tendo um novo olhar para a nossa turma, para o nosso aluno. Eu creio que foi um despertar, eu tenho pesquisado mais, tenho buscado mais. A gente tem o acesso que é a tecnologia e quantas coisas vai aprendendo no dia a dia... Amanhã é meu primeiro dia na sala de aula, retornando dessa pandemia, e estou aqui cheia de expectativas, de histórias para contar, e a gente acaba buscando isso para poder levar às crianças essa aprendizagem. Isso vai acontecendo não só para eles, mas a gente vai aprendendo também.

Desse modo, como nos ensinou Guattari (1992), nada está dado, é preciso, a partir da compreensão de que a subjetividade é constantemente produzida, lutar por novos campos de possibilidades, inventando no cotidiano novos modos de existência, novas relações consigo mesmo e com o mundo.

3 AS REDES SOCIAIS DIGITAIS OU REDES SOCIOTÉCNICAS²

Muito se fala em uma sociologia da internet e/ou uma ciência social computacional que consiga investigar uma proporção crescente de atividades humanas, como interações sociais e entretenimento dos indivíduos nas redes, que permita examinar e interpelar o comportamento desses diante das tecnologias digitais e verificar a ampla disponibilidade de extensos registros de comportamento individual. Considerando esses aspectos, faz-se necessário refletir de que forma as novas modalidades tecnológicas que são compartilhadas mundialmente podem transformar hábitos e homogeneizar as estruturas de diferenciação nas sociedades, levando em consideração que vivemos em sociedades hiperconsumistas, em escala global.

Em outras palavras, é indispensável destacar a ideia de que os modos pelos quais as sociedades consomem as plataformas online possibilitam moldar os comportamentos dos indivíduos que nela vivem e interferir no processo de sociabilidade desses. Em realidade, essa é uma das formas de controle social possibilitadas pelo capitalismo informacional, pois quanto mais análogos são os indivíduos, mais o capitalismo produz. O atual sistema econômico necessita da existência de uma similitude entre as relações sociais construídas pelos indivíduos, visto que o neoliberalismo não funcionaria se as pessoas fossem diferentes, já que a partir das redes sociais digitais são produzidos dados quantificáveis que possibilitam enxergar tendências e reações, que são resultados de operações algorítmicas que dominam os indivíduos sem que eles percebam, igualando-os.

Tudo ao que é dado publicidade nas redes é passível de ser empacotado e vendido em forma de dados para grandes empresas e empresários, como podemos observar, por exemplo, pelas polêmicas recentes que envolveram as políticas de privacidade do *Facebook*. Nesse sentido, os indivíduos são transformados em indivíduos (divisíveis), uma massa que é somente um conglomerado de dados (CARDOSO, 2018).

Em outros termos, a globalização exige a superação das diferenças entre as pessoas, pois quanto mais estas forem idênticas, mais veloz é a circulação do capital, das mercadorias e da informação. A tendência é para que todos se tornem semelhantes enquanto consumidores.

Por esse ângulo, criticando com veemência o que seria o atual “inferno do igual”, Han (2017), em sua obra “A sociedade da transparência”, argumenta que há um vazio existencial preponderante entre os indivíduos, que os torna reféns dos grandes fluxos da internet e do capital, onde esses sujeitos se

² O texto aborda a constituição de redes sociotécnicas tendo a *Internet* como elemento facilitador. Rede sociotécnica é um conceito retirado da sociologia da inovação, elaborada na década de 80 por Bruno Latour e Michel Callon, representando um conjunto heterogêneo de atores sociais e elementos não-humanos alinhados em torno de um interesse comum (SILVA; BARBOSA, 2018).

convertem em seres plenamente incompletos. “A completude viria na busca permanente por luz e por transparência sobre o outro, apesar desse outro, na maioria das vezes, prosseguir o igual, sendo idêntico a quem o procura” (HAN, 2017, p. 54).

Han (2017), assim, questiona o fato das redes se tornarem um fator homogeneizante das relações sociais, não havendo espaços para contranarrativas, só para a narrativa irrefutável do igual, que seria a nova forma que a sociedade da transparência encontrou para vigiar seus habitantes, modelando-os por intermédio da transparência e vigilância mútua nas redes. Assim sendo, as relações são trocadas pelas conexões, nas quais os indivíduos buscam o próprio reflexo de si (narcisismo), já que se tem a possibilidade de excluir aquilo que não se curte ou contraria suas expectativas. Logo, as redes difundiriam aquelas partes do universo que nos cativam, quer dizer, as conexões que realizamos por intermédio das redes sociais não servem para nos aproximar dos outros, pelo contrário, mas para encontrarmos indivíduos que pensam de maneira idêntica a nós, fazendo passar longe dos desconhecidos e de quem difere de nossos princípios, o que nos permite ter relações e comportamentos extremamente previsíveis.

Além disso, Han (2017) busca compreender o quanto esse discurso de transparência desassossega os indivíduos, aparecendo e crescendo no corpo social à medida em que se propõe mais vigilância e mais controle, que, aparentemente, é admitida enquanto uma aposta necessária para convivência entre os próprios. A sociedade da transparência conseguiu de forma menos analógica e mais virtual alcançar níveis de controle constante em todos os espaços, até mesmo o comportamento ao ar livre. Desse modo, o autor problematiza a disposição e necessidade que os indivíduos sentem em se expor nas redes.

Por sua vez, Cardoso (2018) demonstra que traços de personalidade e atributos pessoais são predizíveis a partir dos registros deixados em redes sociais. Dessa maneira, o que podemos interpretar é que existem imensas possibilidades da previsão dos nossos comportamentos a partir de questões elementares, tais como as reações que fazemos no *Facebook* sobre algum produto ou uma mera pesquisa no *Google* sobre como presentear um amigo. Um dos questionamentos centrais é como a apropriação desses dados por determinadas empresas de mídia social causam impactos direto no modo de agir dos indivíduos, sobretudo com relação à vigilância, o consumo hiperativo e a correspondência do descarte.

Desse modo, segundo Han (2017), tornamo-nos seres operacionais, acabando pelas redes convertidos em um elemento funcional do processo de exibição de nossas vidas, já que os indivíduos se veem induzidos à exposição a todo instante. A necessidade de exposição pressupõe uma transparência recíproca, posto que os indivíduos são levados a se adequarem a um comportamento padrão, de maneira que alimente o apetite por compartilhar partes cuidadosamente selecionadas de suas vidas pessoais na *Internet*, mesmo não sabendo quem terá acesso. Nesse sentido, os usuários das redes, acabam agindo todos iguais, sem a autenticidade que imaginam no momento da ação de se expor, pois a finalidade é produzir sempre a si mesmos.

O imediatismo e uma correspondência constante e acelerada nas respostas, são outras características e, nesse caso, observamos novamente um padrão, pois o “estranho” é o indivíduo que demora a dar respostas na mesma velocidade ou aquele que se ausenta dessa relação. Engana-se quem pensa que está fora desse controle, a exposição não precisa partir da própria pessoa, pois a conexão se expande, invadindo os corpos:

A gente se expõe também, agora a pouco eu estava respondendo uma família, eu falei: não posso deixar para amanhã porque só vou poder respondê-la à tarde, porque de manhã eu estou em outra escola, eu tento dividir, me localizar nos meus tempos de escola, eu vou ter que responder uma coisa mais..., então a gente se expõe muito, é o nosso contato, é o nosso perfil, é tudo. Mas, assim, é um momento diferente, é um tempo diferente, mas eu vou me lançar nisso aí porque eu quero poder fazer o melhor para as minhas crianças.

Desse jeito, permitimos que a vigilância se intensifique e que essa seja usada para “iluminar” diariamente nossas vidas. À vista disso, a luz e as trevas são igualmente originárias, onde a luz e as sombras se pertencem mutuamente. A luz da razão e a obscuridade do irracional ou do simplesmente sensível produz-se uma à outra.

Segundo Han (2017, p. 60), a transparência não surge através de uma fonte de luz, “[...] é antes uma radiação sem luz, que, em vez de esclarecer, tudo penetra e tudo torna transparente”. A luz que conhecemos no mundo digital é penetrante e atravessa, homogeneizando e nivelando. Dessa luz homogeneizante nas relações, Han afirma que no inferno do igual, que iguala cada vez mais a sociedade atual, não mais nos encontramos com a experiência díspar, que pressupõe a transcendência, a radical singularidade do outro. Há o terror da imanência instalado, que transforma tudo em objeto de consumo.

Associado ao poder da tecnologia de informação e aliado à estatística, programações matemáticas avançadas e estudos no campo das ciências sociais, o Big Data consegue estudar as mais diversas ações diárias da sociedade, inclusive as manifestações de usuários nas redes sociais, nas quais são fornecidos, sobretudo, dados valiosos para as empresas que almejam despontar no mercado, identificar as preferências de consumo, entender hábitos, detectar o público-alvo e sugerir a este certa demanda, além das informações sociais e demográficas.

Para o autor, nós fornecemos nossos dados através de nossas exposições conscientes, despindo-nos a todo instante com o objetivo de compartilhar medidas positivas, no sentido de trazer luz uns aos outros mostrando nossas vidas belas e assertivas, que na verdade confundimos com a tal desejada liberdade ou a prática dela. que se apresentam segundo espaços de liberdade, adotam formas de monitoramento mútuo. Portanto, ao contrário do que moralmente se supõe nos dias de hoje, para o autor, “[...] a vigilância que recebemos não se realiza como ataque à liberdade. É, antes, voluntariamente que cada um se entrega ao olhar panóptico, no qual todos estão de acordo” (HAN, 2017, p.72).

Pode-se interpretar que nessas redes ficamos sob o olhar atento de todos os outros indivíduos, para espionar e sermos observados ao mesmo tempo, de maneira recíproca. O que não está nas redes, é como se não existisse. As redes se tornam um lugar excepcional para enaltecer o próprio ego e, por vezes, mostrar as vantagens adquiridas pelo que o dinheiro pode comprar, exprimindo as coisas a dimensão de preços na qual o consumo se torna ilimitado. Desse modo, pode-se dizer que existe uma sincronização em massa da consciência e da memória (CRARY, 2014), pois a padronização da experiência foi exercida em larga escala, o que implica, nesse caso, na perda de identidade e da singularidade subjetiva. A valorização do novo, a demora para adorar e admirar as coisas tornam-se aspectos negativos em uma sociedade onde se preza pela imediatez/rapidez das coisas, as coisas tornam-se velhas e ultrapassadas rápidas demais, em instantes.

Sendo assim, a cultura de massas se torna algo inevitável, pois a iminente dessacralização do mundo e a laicização da cultura fazem com que nossas atividades sejam direcionadas ao valor de mercado, desconsiderando qualquer produção que não tem por fim fincar aos moldes da indústria em um cenário social como o atual, onde a cultura vira uma mercadoria padronizada a ser consumida. Por conta disso, a fotografia assume outro caráter e se transforma na mercadoria do século mediante as redes, o que ele vai definir como “capital da atenção” (HAN, 2017, p.22).

A economia do sistema capitalista submete tudo à coação da exposição e só a encenação expositiva gera valor; renuncia-se, desse modo, a toda peculiaridade das coisas. Dentro dessa perspectiva, observa-se que não temos mais a capacidade de nos aprofundar no prazer, no segredo e no desejo, bem como a sedução, que desaparecem, pois a sociedade transparente induz a exposição e a evidência o tempo inteiro.

Se no panóptico de Bentham, um observa o outro sem ser visto, hoje estamos inseridos no panóptico digital, que pressupõe uma vigilância e controle recíprocos dos fatos, onde cada um e todos controlam todos e cada um. Em vista disso, a peculiaridade do panóptico digital está no fato de os próprios indivíduos colaborarem de maneira ativa na sua construção e na sua conservação, na medida em que eles próprios se exibem e se desnudam nas redes. A saída, para Han (2017), estaria na contemplação dos momentos vazios, em que não nos auto explorássemos a partir das redes, buscando a reflexão profunda sobre nossas vidas na tentativa de encontrar outras narrativas, entendendo que a utilização das redes sociais é só um meio e não um fim em si mesmo.

Dessa forma, os processos de singularização são apropriados para transformar-se em individualidades seriadas, que consistem em substituir os modos de vida por padrões universais de

modelização.

A violência da transparência descrita por Han (2017) como panóptico digital reflete uma perspectiva política pessimista. Como devir oásis e flores desterritorializando desertos curriculares? Estariam a cultura, a educação e os currículos encapsulados no sistema capitalístico tecnológico do mundo globalizado?

O próprio Han (2017, p. 69-70) deixa uma abertura ao afirmar que “[...] o controle total aniquila a liberdade de ação e conduz, em última instância, à uniformidade e por isso, atualmente são exigidas novas configurações, inclusive dos espaços públicos compartilhados nas cidades”

Nesse sentido, concordamos e defendemos o entendimento otimista de que há agenciamentos que afirmam a vida, assim como há aqueles que nos põem em condições existenciais ainda mais limitadas. Se coexistem diferentes maneiras de produzir agenciamentos, é necessário percebermos aqueles que enclausuram nosso impulso vital, impulso criador que nos permite escapar aos automatismos que nos conformam a uma vida nua (AGAMBEN, 2005).

Interessa-nos aquilo que nos tira da nossa ação habitual, que destorce o clichê, aquilo que impulsiona o pensamento a pensar de outras maneiras, que o violenta, como fazem os signos da arte (DELEUZE, 2013). Essa foi a aposta em nossa pesquisa, em meio aos encontros formativos com professores, mobilizamos signos artísticos na tentativa de movimentar o pensamento docente. E, em uma das formações, após assistirmos um curta-metragem, uma professora afirmou:

A gente leva tudo preparado, tudo certinho e chega na sala de aula, ou então online, e vê que as coisas precisam ir por outro caminho, a gente tem que adaptar. Eu vou dar um exemplo que aconteceu na aula, na *videochamada* que fiz com as crianças e com as famílias. Eu achei que não tivessem tantas crianças assim, mas tinham muitas e as mães segurando ali na frente da tela, e eu fiquei assim: “nossa, era o grupo 02!”, (pensativa), aqueles bebês e as mães mandando ficarem quietos, balançando, silêncio... Aí de repente, eu falei: “mães, deixem as crianças à vontade, deixem elas correrem, deixa elas brincarem, elas vão me ouvir e eu vou contar uma história, vou colocar coisas que vão chamar atenção, barulhinho (gesticulando)”. Como que nós precisamos nos reinventar, né? De repente, eu vi que minhas caixas caíram todas e eu tive que buscar algo diferente naquela aula.

Tomada como potência, a vida e, nela, os processos culturais e as tecnologias não podem ser concebidos a partir da constituição de uma vida ontologicamente essencializada em processos de identificação e homogeneização, pois ela, a vida, sempre transborda. Assim sendo, não se trata de perguntar “O que é?”, pois teríamos uma visão essencialista, pela via da identidade. Trata-se de romper com as perguntas: “O que é tecnologia?”, “O que é currículo?”, “O que é escola?”, “O que é a vida?” etc. e perguntar pelas relações e possibilidades de vida em seus efeitos, pelos rastros por meio dos quais estamos demarcando processos de homogeneização e padronização ou pelos rastros que indicam processos de singularização e afirmação da pluralidade – vida nua ou uma vida?

PARA NÃO CONCLUIR... POSSÍVEL USAR A TECNOLOGIA PARA ALÉM DA SUJEIÇÃO MAQUÍNICA?

E, para não concluir, pois não existe receita, somente os possíveis na relação homem-máquina-natureza-cultura-educação-currículos, questionamos: que linhas de desterritorializações, linhas de fuga ativas e revolucionárias temos criado nos encontros com as tecnologias que atravessam os currículos nas escolas? Temos encontrado linhas de escape com tantas políticas de regulação da educação? Temos inventado com as professoras novos e possíveis “usos” para as tecnologias nos currículos e/ou nos processos de aprender? Temos colocado culturas e currículos em movimento? Transgredimos essas redes sociotécnicas e, por meio delas, ativamos resistências coletivas para construir uma cultura por vir? É possível afirmar a vida na escola? Nesses tempos de pandemia de *Covid-19*, quando a escola é um potencial risco biológico, quais forças nela afirmam a vida? Muito aquém e além da pandemia e de todo vírus-morte, a escola pode ser uma zona de contágio e propagação de afetos, sensibilizando os corpos e produzindo

um *apego à vida*? Podem as práticas curriculares cotidianas instaurar nas escolas forças vitalistas? Quais forças podemos evocar para isso? Quais forças podem tensionar os currículos em direção a uma vida menos identitária e maquínica?

Nesse sentido, pensamos em currículos vividos no cotidiano escolar em contínua afirmação da vida (DELEUZE, 2018), isto é, em escolas que produzem, em suas práticas, menos a restrição dos sentidos e mais uma contínua ampliação dos possíveis no uso das tecnologias. A afirmação da vida passa, aos modos de Deleuze (2016), por tornar audíveis forças não audíveis, pela borda das fronteiras entre o real imediato e suas virtualidades, entre o que é virtualidade e a imanência.

Eis nossa proposta inicial como professoras e professores na educação pública: pensar a escola e, por conseguinte, as práticas curriculares requer que tomemos todas as ações ocorridas dentro do contexto escolar como práticas que *ampliem as nossas potências de agir* em direção a uma criação de uma comunalidade entre os corpos curriculares (CARVALHO, 2009) e que se expanda para além deles em direção à produção de coletivos verdadeiramente implicados com uma vida ativa no encontro com o outro nas experimentações curriculares, como as que foram movimentadas nos questionamentos entre os professores,

[...] como desconstruir algumas formas? A questão das atividades em cópias? A maioria das famílias ainda está agarrada ao papel. Então, o que pensar? O que fazer? Como vamos conseguir chegar aos nossos alunos? É, claro, que todos nós, como professores sentimos falta deste contato, de estar perto. E como nos aproximar dos nossos estudantes à distância? Como romper com esse conhecimento prescritivo que já está dado? Como que o trabalho do professor é extremamente importante, é um trabalho difícil. Porque você trabalhar com a criatividade, com a invenção, não é algo que você faz de forma espontânea. Você vai movimentando o pensamento...

Neste caso, as redes sociotécnicas devem ser visualizadas não como uma máquina de produção de equivalências, mas como uma máquina de pensar, de pensar possibilidades de inverter o caminho habitual da vida, dos processos de aprender-ensinar no cotidiano escolar, buscando renovar a existência e realizar, pelo pensamento problematizado, novos ângulos e percepções para o mundo; enfim, produzir imagens novas para o mundo e um mundo de novas imagens (CARVALHO; ROSEIRO, 2015).

É apostando na força de sons-signos que desdobram imagens-cristal, pois são imagens que, ao deslocarem os esquemas sensorio-motores, podem potencializar o *apego à vida* nos cotidianos escolares. Se nos disserem “Você será organizado, você será um organismo, articulará seu corpo – senão você será um depravado. Você será significante e significado, intérprete e interpretado – senão será desviante” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 22), agarrar-nos-emos aos desvios que fazem bifurcar o pensamento e contribuem na efetuação de outros mundos possíveis.

Então, é a questão de romper com essa reprodução, com a necessidade de resposta padronizadas e trabalhar esse pensamento, movimentar, criar e inventar.

Conforme ressalta David Lapoujade (2017), viver implica em atentar-se ao que se passa nos arredores, porém isso demandaria uma necessária adaptação do corpo-vivente ao que é decidido e existe socialmente. Para Lapoujade (2017, p. 104), esse movimento de adaptação do corpo-vivente à vida exterior ocorreria porque nossa inteligência “[...] apegou-se a formas e seres que ela primeiro recortou, e depois fixou na continuidade movente das coisas”. Logo, trata-se de uma tendência de resposta às exigências sociais de um mundo fixado.

Por outro lado, com o apego à vida que se produz pela emoção criadora, abrimo-nos a uma pluralidade de mundos, rompemos com o círculo ação-reação imposto pelas imagens-movimento que nos circundam e circunscrevem e compomos, pelas imagens-cristal, novos conceitos e novas imagens do pensamento. Tais imagens não dogmáticas, mas cristalinas, afloram corpos desejantes, pela força das redes sociotécnicas desviantes, ativando usos e/ou composições diferenciais de conversações e

composição de corpos coletivos.

A padronização das condutas nas redes sociotécnicas conduz, em última instância, à uniformidade e por isso, atualmente são exigidas novas configurações, inclusive dos espaços públicos compartilhados nas cidades, dentre os quais, o escolar. Necessário, portanto, abrir essas redes para a potência da vida, ampliando a emoção criadora, indo de encontro ao que a maquinaria capitalista tem a nos oferecer: coletivismos abstratos, individualismo, propriedades, interesses vazios. Esta última tendência, do apego à vida, não faz desaparecer os esquemas sensório-motores, mas se aproveita deles para atualizar processos de subjetivação que escapam do egoísmo individual e da pressão social (LOURENÇO, 2019).

Ora, quando tomamos os currículos escolares na perspectiva de uma realidade replicada, estanque e a ser reproduzida, não estaríamos capturando a vida e dando a ela a eternidade do papel em sua morte? Quando os currículos se resumem a *conhecer a vida em morte*, isto é, a reconhecer a vida unicamente como algo reproduzível, parece nada mais restar à própria vida.

Assim, o conhecimento dá à vida leis que a separaram do que ela pode, que a poupam de agir e a proíbem de agir, mantendo-a no quadro estreito das reações cientificamente observáveis: mais ou menos como o animal num jardim zoológico (DELEUZE, 2018, p. 129).

Mas os currículos se resumem a esse enclausuramento? A vida pode ser capturada e replicada em uma tela ou várias delas? São os currículos um processo de aprisionar a vida em telas papéis sociais modelizados para circular infinitamente por entre mãos desconhecidas, mãos de precisão quase cirúrgicas que apenas reviram os gomos do papel para ver como repetir as dobras? Ou estaria a vida curricularizada sempre dentro dos limites de uma tela?

Como pontuou uma professora, nas redes formativas, seriam os currículos e as tecnologias um processo de coisificação?

Eu estava lembrando, eu acabei sentindo porque há dois anos, a gente tinha todo um julgamento das redes na vida das crianças e dos adolescentes, de crianças que ficavam muito tempo na internet em casa ligado, a gente chamava os pais, fazia palestra pra cá, palestra pra lá. E eu lembro que eu tinha um aluno, ele faltava muito, e numa conversa com a família, a mãe mostrou o *YouTube* do menino, ele era um youtuber na escola e tinha 5 mil seguidores há dois anos. Então, era uma criança que aquele monte de papel que a gente produzia na escola não dialogava com o que ele produzia fora da escola. E isso é muito recorrente nas escolas, a maneira e até a linguagem que essas crianças falam: “olá, galerinha!”, a gente ficava demonizando, falando muito mal de como usava e como agora na escola a gente usa tanto esse recurso e tem que tentar valorizar isso, de como usar essa tecnologia valorizando, porque eles usam muito mesmo.

Ora, o que nos diz essa fala?

Fala de uma realidade sociotécnica que a escola não pode pretender ignorar, mas aprender a explorá-la em outro patamar. Porém e concomitantemente, somos provocados, para a discussão sobre as tecnologias em sua relação com a cultura, os currículos e o social. Conseguimos aproximar-nos das telas e das tecnologias de comunicação sem incorrer o risco de nos robotizarmos? É possível pensar as práticas curriculares em tempos de pandemia que ultrapassem a robotização da vida? Que se aproximem dos alunos em suas invenções e afetos?

Questão curricular: Como fugir das planificações? Como não mortificar a vida para afirmar que tudo na escola é experimentação curricular? A pandemia também cobrou o seu preço de nossos corpos: divisória dos espaços, distanciamento, apropriação individual de todo material... *Mas e agora? Como ensinar assim? Como ensinar pela tela de um computador? Ou, como aproximar-se de forma diferente?*

Deleuze (2013) postula que os esquemas sensório-motores não permitem ver o mundo, por somente reproduzirem clichês e darem respostas prontas. Entretanto, ao mesmo tempo, afirma que o mundo, mesmo no sistema capitalista ele seria capaz de escapar dos clichês criando uma verdadeira

imagem, pois não vivemos propriamente num mundo de imagens, mas num mundo de clichês, sendo necessário procurar e encontrar uma saída (MACHADO, 2009).

Temos, desse modo, de buscar saídas contra a homogeneização das estruturas de diferenciação nas sociedades, levando em consideração que vivemos em sociedades hiperconsumistas, em escala global, com intuito que ultrapassem nos currículos tanto o distanciamento currículos-tecnologias como a superação da alienação dos problemas da vida social coletiva, com o objetivo de resistir – pois resistir é diferente de reagir –, com o objetivo de contribuir para a criação de novas formas de vida, ou de um novo tipo de relação do homem com o mundo, no caso, com os currículos escolares em seus processos de *aprendências* de professores e estudantes.

Essa coisa de adaptar o corpo a algo pré-estabelecido [...] isso tem vibrado muito no meu pensamento nos últimos dias, nesse constituir-se docente com as crianças. São questões que ficam latente o tempo todo... Essa coisa de se curvar, aí a gente vai criando padrões para as infâncias, padrões para as aprendizagens. Então, me afeta, me arrebatava de cheio.

Isso porque, assim que a atenção à vida “[...] se separa da emoção que a carrega, ela reprime o ‘desenvolvimento orgânico’ desta última para substituí-lo pela ordem lógica das suas representações” (LAPOUJADE, 2017, p. 111). Enfim, toda criação supõe a coexistência desses dois níveis, pois é o conjunto dos atos de atenção à vida em conjunção com os afetos criadores que nos ligam à vida.

Guattari (1992) contribui para essa discussão apontando para os movimentos de resistência, para os possíveis que irrompem/emergem em meio a megamáquina capitalística. Em meio a modelos, moldes, individualização como podemos pensar em um currículo máquina de guerra que traça um plano de consistência, uma linha de fuga criadora, um espaço liso de deslocamento? Como esse processo engendra movimentos de resistência? Ao apresentar o modo de produção da subjetividade capitalística, Guattari (1992) não objetiva descrever um estado no qual, inevitavelmente, teríamos que seguir. Ele considera que o desenvolvimento da subjetividade capitalística possibilita desvios e reapropriação, desde que a luta não se limite ao plano da economia política, mas também alcance a abrangência do plano da economia subjetiva: “Os afrontamentos sociais [...] se dão também entre as diferentes maneiras pelas quais os indivíduos e grupos entendem viver sua existência” (GUATTARI, 1992, p. 53).

Isso porque: sempre haverá espaço para resistência e criação!

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de Exceção**. Tradução de Iraci Poletti. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? Tradução de Nilceia Valdati. **Outra Travessia**, Florianópolis/SC, n. 5, p. 9-16, 2005.

BUZATO, Marcelo El Khouri. O pós-humano é agora: uma apresentação. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, SP: v. 58, n. 2, p. 478-495, maio/ago. 2019.

CARDOSO, Bruno. **Por que fazer uma sociologia da internet?** Sobre o caso Cambridge Analytica e Facebook. Disponível em: <https://ledufjr.wixsite.com/ledufjr/single-post/2018/3/25>. Acesso em: 30 abr. 2018.

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: DP et Alii; Brasília: CNPq, 2009.

CARVALHO, Janete Magalhães; ROSEIRO, Steferson Zanoni. Inventando tempos outros com Bergson e Deleuze em coletivos escolares: a potência da imagem-movimento e da imagem-tempo nas produções curriculares. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, v. 25, p. 83-96, 2015.

CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera. Currículos como corpos coletivos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 18, n. 3, p. 801-818, set./dez. 2018.

CRARY, Jonathan. **24/7 Capitalismo tardio e os fins do sono**. Tradução de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DELEUZE, Gilles. Tornar audíveis forças não-audíveis por si mesmas. In: DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)**. Tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Ed. 34, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. Tradução de Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Como criar para si um corpo sem órgãos. Tradução de Aurélio Guerra Neto. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. p. 9-29.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografia do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

GUATTARI, Felix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 1992.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2017.

LAPOUJADE, David. **Potências do tempo**. Tradução de Hortencia Lencastre. 2. ed. São Paulo: n-1 Edições, 2017.

LAPOUJADE, David. **A alteração dos mundos**. Tradução de Hortencia Lencastre. N-1 Edições. 2022

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Editora UNESP, 1994.

LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Sousa. Bauru: EDUSC, 2000.

LOURENÇO, Suzany Goulart. **A força do riso como máquina de luta entre a atenção e o apego à vida: cartografias das aprendizagens em uma escola pública**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro Editora Zahar, 2009.

SILVA, Patrícia; BARBOSA, Jonei Cerqueira. **Das redes sociotécnicas à cartografia de controvérsias na educação**. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br>. Acesso em: 15 dez. 2018.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).